

ROBERTO MACEDO

A economia ^{Brasil} no Natal e em 2000



Brasil deu uma de trouxa na aldeia global, foi o índio trabalhando para caciques

As notícias sobre a economia neste final de ano estão confirmando o que se previu aqui no final de setembro (A economia no final do ano, 30/9/99). Ou seja, um desempenho bem melhor do que o registrado no mesmo período dos dois anos anteriores. Nada de fantástico. Apenas um fim de ano sem os desastres econômicos que marcaram o final de 1997 e o de 1998. Foi quando, na esteira de fortes saídas de recursos externos precipitadas por crises em países longínquos como a Tailândia, no primeiro ano, e a Rússia, no segundo, veio à tona a enorme vulnerabilidade da economia brasileira, resultante de uma política equivocada de dólar barato, apoiada por juros altos, ao lado de déficits fiscais insustentáveis, com o conjunto causando também um forte desequilíbrio das contas externas. O que aconteceu nos países mencionados apenas precipitou a crise. Esta foi tipicamente "made in Brazil", que construiu a própria vulnerabilidade. Até hoje há quem culpe tailandeses e russos pelos nossos erros...

Para o concerto do motor econômico levado à fervura, foi fundamental o ajuste do câmbio, que liberou a política de juros para outras preocupações que não a de atrair os capitais externos predadores que aqui aportavam. Tais como agiotas, vinham para tirar ainda mais de um devedor em pânico, disposto a pagar qualquer taxa de juros para não ficar sem dólares em caixa. Em 1997, com o aumento das taxas, eles não só voltaram como trouxeram mais. Em 1998, perceberam que a desgraça do endividado era tão grande que era também elevadíssimo o risco de que não pagaria sequer os juros estratosféricos que prometia. E foram embora de vez, ainda assim com ganhos e

sem prejuízos, pois o devedor ainda se dispôs a vender-lhes pelo mesmo preço os dólares que haviam trazido.

Falei, acima, de vulnerabilidade. Noutra linguagem, o Brasil deu uma de trouxa globalizado, pois na aldeia financeira global fez o papel de índio trabalhando para o conforto dos caciques.

Mas, antes tarde do que nunca, percebeu seus enormes erros, ainda que vá carregar o ônus por décadas, na forma das enormes dívidas que sobraram, do altíssimo custo social que veio com eles, e do tempo que se perdeu na estrada da história.

Agora, com a correção do câmbio, o caminho é muito menos pedregoso. Conquistado o segundo mandato, e certamente preocupado em remontar o currículo para o

retorno à vida acadêmica, além do câmbio o presidente liberou também a equipe econômica para levar o ajuste fiscal a sério e obter um superávit entre receitas e despesas exceto juros. Soltos da tarefa de segurar o dólar e os agiotas internacionais, os juros puderam cair para taxas que não só reduziram a conta governamental de despesas com a dívida pública, como também deixaram de emperrar o motor da economia, dado que este têm como um de seus combustíveis os empréstimos e financiamentos, cujo preço estava alto demais.

E assim chegamos ao último Natal do milênio com os juros em queda e não em elevação ou muito lá em cima, como em 1997 e 1998. O câmbio, agora, não mais estimula a produção de outros países, aqui importada, mas, felizmente, a de quem trabalha aqui dentro. É o retorno à sensatez cambial. Os juros ainda amedrontam, mas já não causam pânico.

O noticiário fala de cri-

mes e de narcotraficantes, do "réveillon" e congestionamentos nos caminhos do mar, de futebol e de seu "tapetão" e de um enorme desastre... na Venezuela. O ministro Malan curte férias bem longe dos nossos mercados que ficam de olho nele. Em Brasília, a única notícia sobre pacotes e embrulhos, que vi neste fim de ano, foi a que este jornal mostrou há algumas semanas, flagrando o Palácio do Planalto a receber os indefectíveis presentinhos para a burocracia. Enfim, não há pacotes econômicos nem a ameaça deles.

Isso tem um enorme efeito sobre a confiança dos consumidores, que foi muito abalada, nesta época, nos dois anos anteriores, pelos tumultos por que passou a economia. Esta continua abalada, mas pelo menos não passou por novos tumultos nem afundou ainda mais numa época em que o apelo ao consumo é excitado, ainda mais agora em que ao Natal se soma o "réveillon" de um ano com três zeros. Embora seja apenas a marca de um calendário entre vários existentes e um número infinito de outros possíveis, do ponto de vista econômico, vai ter um impacto em setores como confecções, hospedagem, alimentos, bebidas e... remédios.

Enfim, se não é tão feliz, pelo menos não é um infeliz Natal. E mais: quando as vendas não encalham no fim do ano - à maneira do que aconteceu em 1997 e 1998 -, não sobram estoques indesejados e a produção do ano seguinte deixa de ser prejudicada por eles. Sem essa sobra de estoques, com um câmbio que estimula a produção e juros bem menores que no passado recente, abre-se também a perspectiva de um 2000 que, como o Natal de 1999, não vai ser uma maravilha, mas que já se pode prever como bem melhor que os dois anos que ficaram para trás. Que assim o seja, para todos nós.



■ Roberto Macedo, economista, é pesquisador da Fipe-USP e professor da Universidade Mackenzie
e-mail: roberto@macedo.com